



## Medo de Exu?



## Equipe Kàwé

Para tentar responder a esta pergunta é necessário observar que ter medo é uma construção social que passa por inúmeras razões. Difícil de se abordar porque pode tocar de perto determinadas visões de realidade, presentes no imaginário social e em cada um de nós. Muitas vezes, o que tememos pode estar encoberto por uma situação histórico-cultural de transposição de valores, de uma cultura para outra. Isso

implica a dificuldade de compreensão de significados específicos, que são elaborados em determinados contextos culturais. Muitas vezes, certas percepções de realidade são incompreendidas pelo pensamento hegemônico da sociedade. Esse fato pode resultar na difusão e sedimentação de noções incorretas e o mais grave: defendê-las como verdades.

Se alguém se dispuser a compreender o mundo pelo respeito à diferença, haverá então a possibilidade de modificar a condição de medo para a de respeito. Como resultado, poderá ocorrer o reconhecimento de um saber oriundo do legado de povos africanos em território brasileiro. Essa atitude implicará outras compreensões sobre Exu e, em consequência, a revisão da falsa informação de ser ele o demônio, o diabo.

Exu é um dos orixás, ou seja, uma das divindades. As divindades no candomblé não podem ser comparadas com as de outras religiões porque o sentido que se dá a elas implica uma série de diferenças. A visão de mundo afro-brasileira é fundamentada em pressupostos distintos da visão judaico-cristã. Os orixás são vistos através da dualidade, não dicotômica, e apresentam aspectos negativos e positivos em uma mesma configuração, ou melhor, são faces de uma unidade. O orixá tanto pode se zangar ou se alegrar, ser exigente ou bondoso, autoritário ou compreensivo. Desse modo, Exu vai espelhar essa dualidade de forma dinâmica porque ele é o princípio, o que movimenta a energia vital, integrando o sentido dinâmico da existência. É o símbolo da comunicação ao desem-



penhar as funções de mensageiro entre os homens e os demais orixás.

É tão importante sua presença no terreiro que as atividades são precedidas por uma cerimônia de abertura em sua homenagem. Acredita-se que todos os seres da existência têm o seu Exu, o seu princípio dinamizador. Ainda simboliza a sexualidade e a fertilidade. É o próprio entusiasmo da vida em contínua luta - símbolo, portanto, de resistência. Também provocador de situações, brincalhão, zombeteiro, sinalizando assim para a necessidade de tornar o mundo menos sério e mais alegre. Exu é um transgressor de espaços, de valores e mostra a necessidade da desconstrução e reconstrução, como o próprio movimento da vida. Sempre alerta para a necessidade da irreverência, da liberdade, da não-submissão. É um orixá muito querido, a quem se devota respeito e confiança, pois é ele quem conhece os segredos mais íntimos dos divinos e dos humanos.

Como vemos, Exu é um orixá complexo e não compreendido por posicionamentos que só permitem olhar o próprio umbigo, numa atitude de superioridade e de não re-

conhecimento de outras posturas diante da vida. Ele carrega uma faca na cabeça, símbolo de um poder do qual ele participa com Ogun, o seu irmão. Esconde essa faca sob um penteadado fállico que se parece com um chifre. Talvez, seja uma das razões para a relação com o demônio. Outra alusão, se faz ao *obé-fará*, um tridente, que é a sua ferramenta sagrada e traduz força e poder, tal qual o tridente de Netuno. Assim, traçar correspondências entre distintas visões culturais pode causar problemas e perdurar por séculos a desinformação, o distanciamento, o medo.

O que queremos ressaltar não é a necessidade de crença nos orixás. Ter uma opção religiosa, seja qual

for, ou mesmo não se ter credo algum, é um direito que tem a nossa defesa. Entretanto, não deve ser um impedimento para o não reconhecimento aos diferentes modos de construção simbólica, presentes na cultura brasileira. Estaria na hora de se reavaliar o medo que adotamos e que dificulta, ainda hoje, contemplar a realidade com mais largueza e menos preconceitos? O aprendizado, como nos diz o filósofo Michel Serres, pressupõe a viagem, a exposição ao outro, às suas estranhezas. Não seria hora de avaliar certos pressupostos que fundamentam nossas crenças, naquilo que nos impede de ver o outro, para sermos mais libertos nesse nosso espaço-tempo?



As ilustrações constantes neste artigo são fotos de Luciano Lima